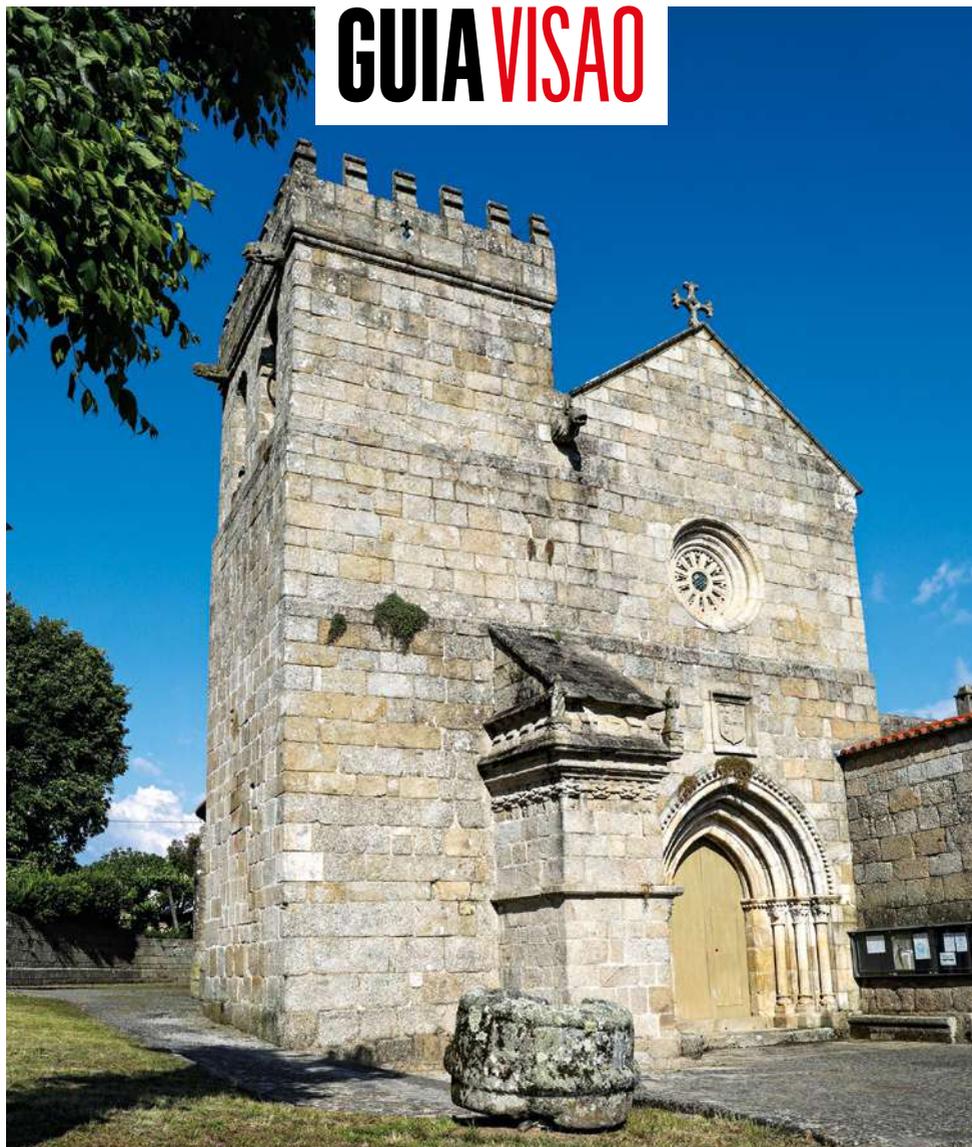


GUIA VISÃO



ESTA REVISTA É PARTE INTEGRANTE DA VISÃO, Nº 01474, DE 3 DE JUNHO DE 2021, E NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

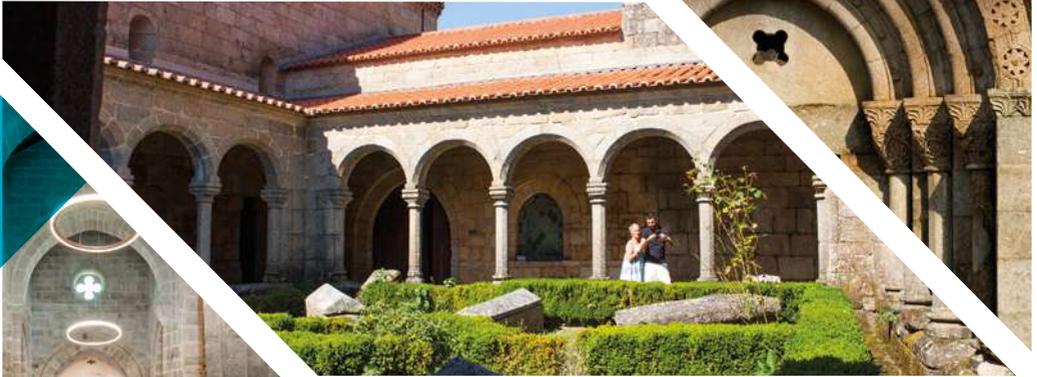
ROTA DO ROMÂNICO

3 PERCURSOS
NOS VALES ENCANTADOS



ROTA DO
ROMÂNICO

FAÇA PARTE
DA HISTÓRIA



CI Românico – Lousada

AMARANTE BAIÃO CASTELO DE PAIVA CELORICO DE BASTO CINFÃES FELGUEIRAS
LOUSADA MARCO DE CANAVESES PAÇOS DE FERREIRA PAREDES PENAFIEL RESENDE

www.rotadoromanico.com

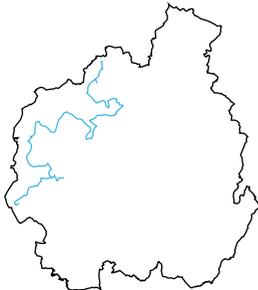
SUMÁRIO



pág. 8

VALE DO SOUSA ESCONDIDO NAS PEDRAS

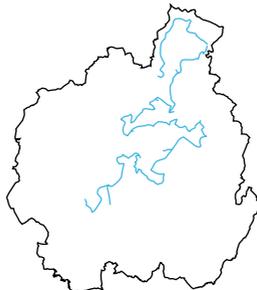
Por Lousada, Penafiel e Paredes. No primeiro vale da Rota do Românico, o património histórico e arquitetónico tem agora a companhia de mesas fartas e muitos projetos culturais



pág. 22

VALE DO TÂMEGA PATRIMÓNIO E BOAS MESAS

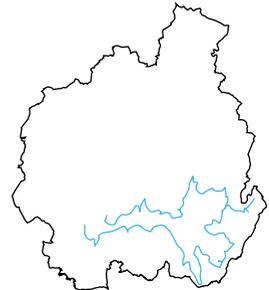
Por Amarante, Celorico de Basto, Marco de Canaveses e Penafiel. Quando a Rota do Românico não se encerra na sua época e se torna uma lição de História, alimentada por muitas iguarias



pág. 36

VALE DO DOURO A GENEROSIDADE DA NATUREZA

Por Resende, Cinfães, Castelo de Paiva e Baião. Visitamos mosteiros, ilhas lendárias, refúgios campestres de escritores e a serra de Montemuro



GUIA *visão*

Textos: Joana Loureiro **Fotos:** Lucília Monteiro

Grafismo e Paginação: Ana Rita Rosa **Revisão:** Maria João Carvalhas e Sónia Graça

NORTE2020
PROTECTORADO OPERACIONAL NORTE 2020

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

MAPA 3 PERCURSOS

VALE DO SOUSA



1 MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE POMBEIRO
Felgueiras

2 IGREJA DE SÃO VICENTE DE SOUSA
Felgueiras

3 IGREJA DO SALVADOR DE UNHÃO
Felgueiras

4 PONTE DA VEIGA
Lousada

5 IGREJA DE SANTA MARIA DE AIRÃES
Felgueiras

6 IGREJA DE SÃO MAMEDE DE VILA VERDE
Felgueiras

7 TORRE DE VILAR
Lousada

8 IGREJA DO SALVADOR DE AVELEDA
Lousada

9 PONTE DE VILELA
Lousada

10 IGREJA DE SANTA MARIA DE MEINEDO
Lousada

11 PONTE DE ESPINDO
Lousada

12 MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE FERREIRA
Paços de Ferreira

13 TORRE DOS ALCOFORADOS
Paredes

14 CAPELA DA SENHORA DA PIEDADE DA QUINTÃ
Paredes

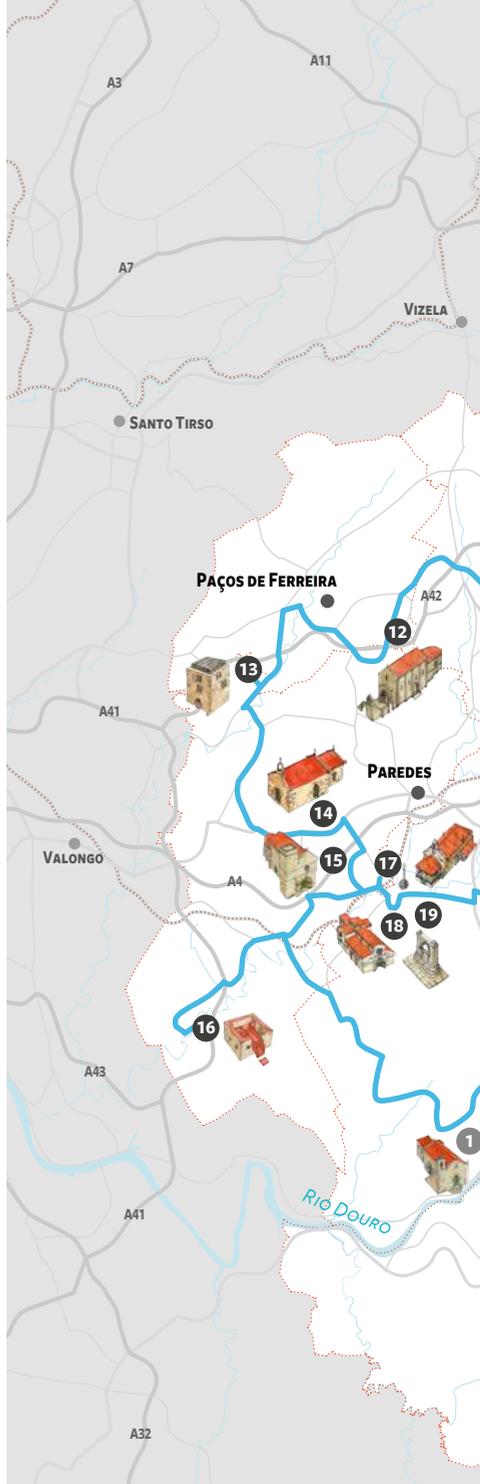
15 MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE CÊTE
Paredes

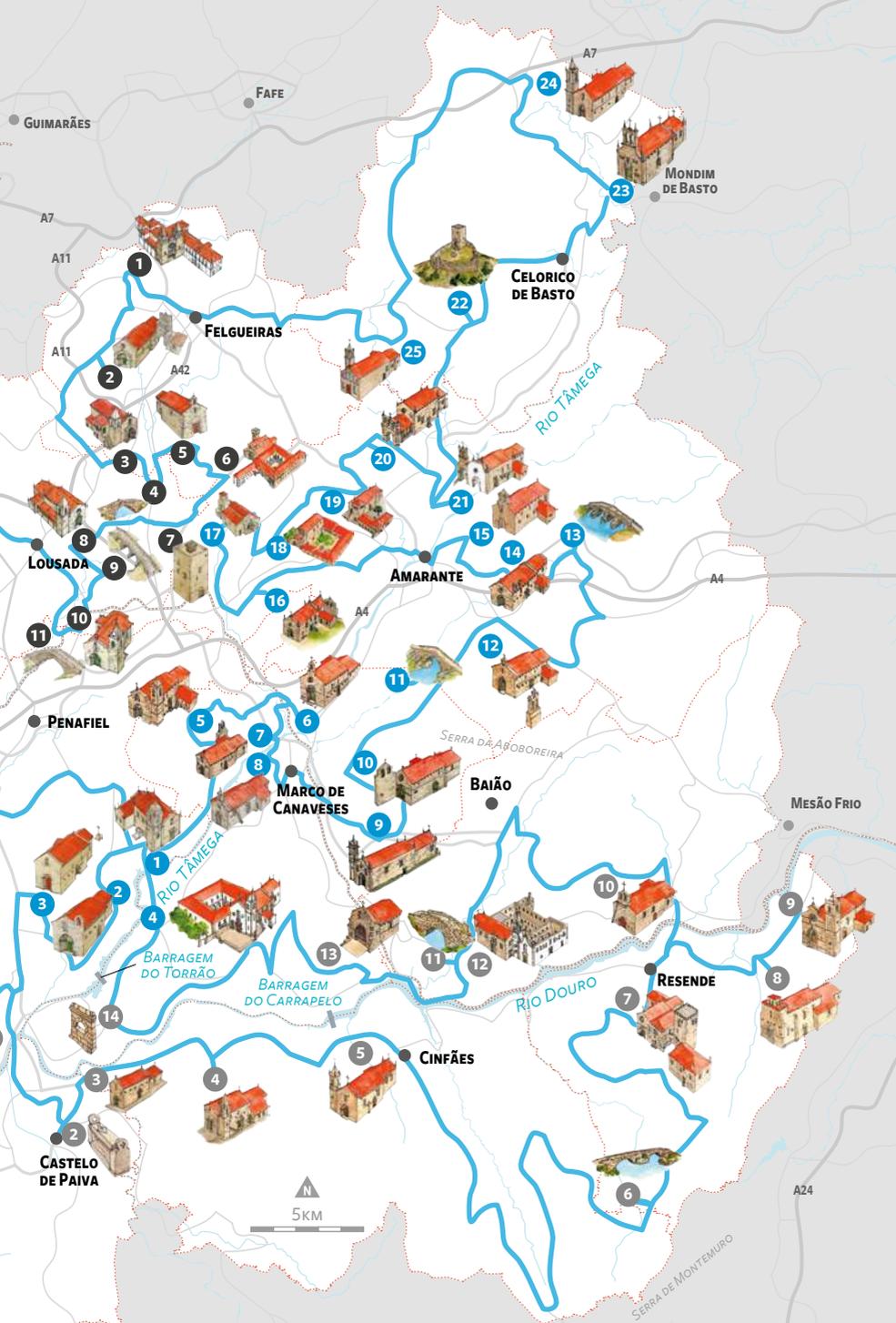
16 TORRE DO CASTELO DE AGUIAR DE SOUSA
Paredes

17 ERMIDA DA NOSSA SENHORA DO VALE
Paredes

18 MOSTEIRO DO SALVADOR DE PAÇO DE SOUSA
Penafiel

19 MEMORIAL DA ERMIDA
Penafiel





N
5KM

GUIMARÃES

FAFE

A7

MONDIM DE BASTO

CELORICO DE BASTO

FELGUEIRAS

RIO TÂMEGA

LOUSADA

AMARANTE

A4

PENAFIEL

MARCO DE CANAVESES

BAIÃO

SERRA DA ARGÔBOREIRA

MESÃO FRIO

RIO TÂMEGA

BARRAGEM DO TORRÃO

BARRAGEM DO CARRAPELO

RIO DOURO

RESENDE

CASTELO DE PAIVA

CINFÃES

A24

SERRA DE MONTENAURO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

MAPA 3 PERCURSOS

VALE DO TÂMEGA

1 IGREJA DE SÃO PEDRO DE ABRAGÃO

Penafiel

2 IGREJA DE SÃO GENS DE BOELHE

Penafiel

3 IGREJA DO SALVADOR DE CABEÇA SANTA

Penafiel

4 MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE VILA BOA DO BISPO

Marco de Canaveses

5 IGREJA DE SANTO ANDRÉ DE VILA BOA DE QUIRES

Marco de Canaveses

6 IGREJA DE SANTO ISIDORO DE CANAVESES

Marco de Canaveses

7 IGREJA DE SANTA MARIA DE SOBRETÂ-MEGA

Marco de Canaveses

8 IGREJA DE SÃO NICOLAU DE CANAVESES

Marco de Canaveses

9 IGREJA DE SÃO MARTINHO DE SOALHÃES

Marco de Canaveses

10 IGREJA DO SALVADOR DE TABUADO

Marco de Canaveses

11 PONTE DO ARCO

Marco de Canaveses

12 IGREJA DE SANTA MARIA DE JAZENTE

Amarante

13 PONTE DE FUNDO DE RUA

Amarante

14 IGREJA DE SANTA MARIA DE GONDAR

Amarante

15 IGREJA DO SALVADOR DE LUFREI

Amarante

16 IGREJA DO SALVADOR DE REAL

Amarante

17 MOSTEIRO DO SALVADOR DE TRAVANCA

Amarante

18 MOSTEIRO DE SÃO MARTINHO DE MANCELOS

Amarante

19 MOSTEIRO DO SALVADOR DE FREIXO DE BAIXO

Amarante

20 IGREJA DE SANTO ANDRÉ DE TELÕES

Amarante

21 IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE GATÃO

Amarante

22 CASTELO DE ARNOIA

Celorico de Basto

23 IGREJA DE SANTA MARIA DE VEADE

Celorico de Basto

24 IGREJA DO SALVADOR DE RIBAS

Celorico de Basto

25 IGREJA DO SALVADOR DE FERVENÇA

Celorico de Basto

VALE DO DOURO

1 IGREJA DE SÃO MIGUEL DE ENTRE-OS-RIOS

Penafiel

2 MARMOIRAL DE SOBRADO

Castelo de Paiva

3 IGREJA DE NOSSA SENHORA DA NATIVIDADE DE ESCAMARÃO

Cinfães

4 IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR DE TAROUQUELA

Cinfães

5 IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO DE NOGUEIRA

Cinfães

6 PONTE DA PANCHORRA

Resende

7 MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE CÂRQUERE

Resende

8 IGREJA DE SÃO MARTINHO DE MOURÓS

Resende

9 IGREJA DE SANTA MARIA DE BARRÔ

Resende

10 IGREJA DE SÃO TIAGO DE VALADARES

Baião

11 PONTE DE ESMORIZ

Baião

12 MOSTEIRO DE SANTO ANDRÉ DE ANCEDE

Baião

13 CAPELA DA SENHORA DA LIVRAÇÃO DE FANDINHÃES

Marco de Canaveses

14 MEMORIAL DE ALPEN-DORADA

Marco de Canaveses



VISÃO

Tenha uma, ou mais.



VISÃO

A newsmagazine de referência em Portugal, que prima pelo jornalismo independente e de qualidade.



VISÃO SAÚDE

Explora temas sobre saúde e medicina, com o melhor da ciência e da investigação.



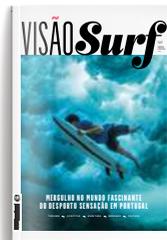
VISÃO JÚNIOR

Uma revista de informação com artigos para os mais pequenos. Repleta de passatempos, jogos e artigos divertidos.



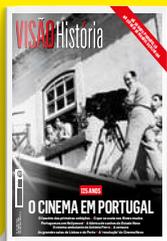
VISÃO BIOGRAFIA

Uma nova marca da família VISÃO, para conhecer a fundo a vida e obra de grandes figuras da história.



VISÃO SURF

Uma edição da VISÃO sobre o desporto sensação em Portugal, feita em parceria com especialistas do setor.



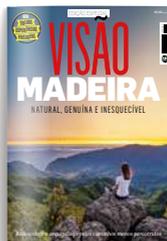
VISÃO HISTÓRIA

Em cada edição, um assunto histórico, abordado por especialistas.



VISÃO AÇORES

Uma edição especial Açores. Um mergulho nas nove ilhas, para ler e partir à descoberta.



VISÃO MADEIRA

Uma edição especial dedicada à Madeira e ao Porto Santo, que permite a descoberta das duas ilhas pelos caminhos menos percorridos.



VISÃO SABER

Uma edição de colecionador, sobre o futuro do planeta e a sustentabilidade, num mundo em mudança.

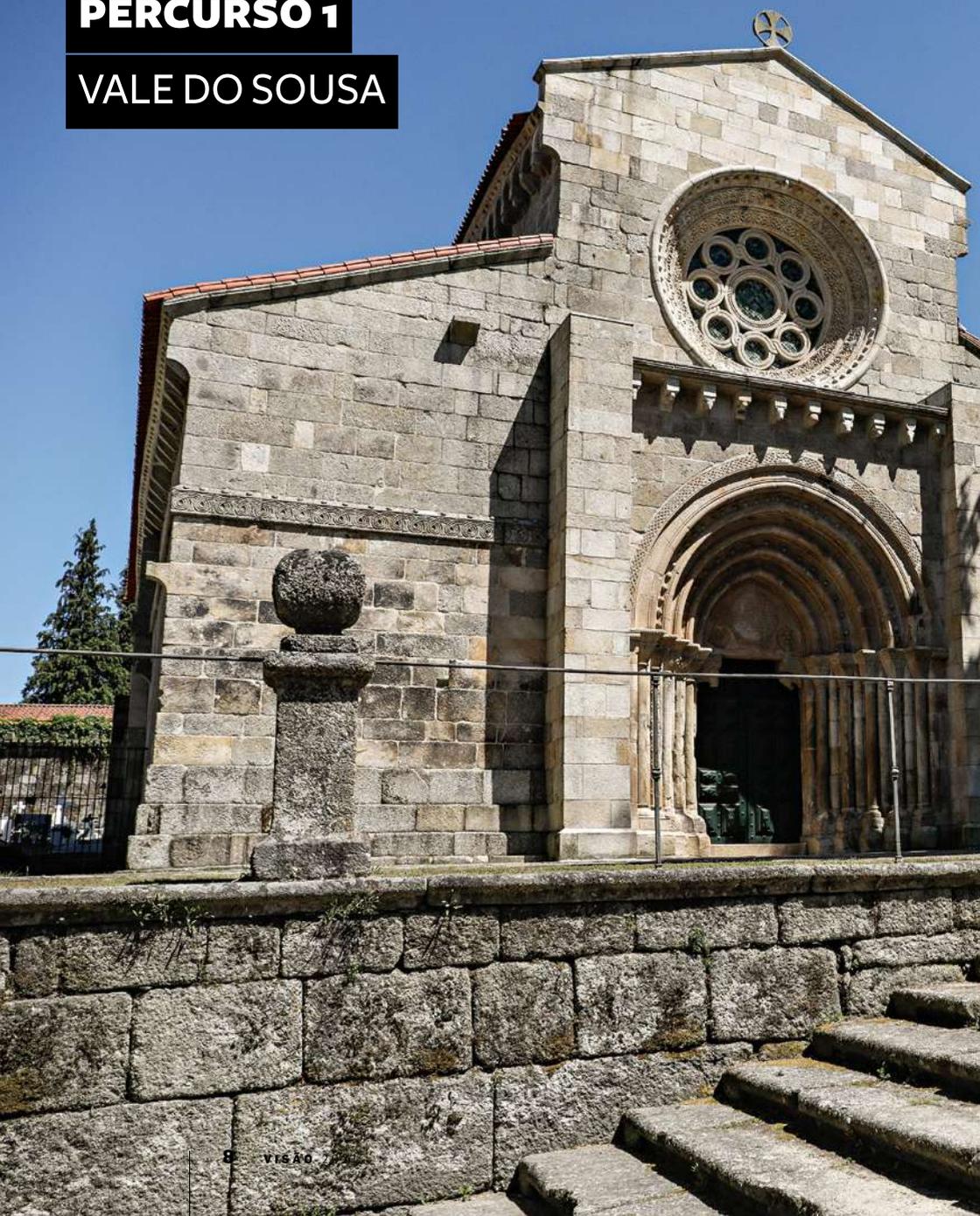
PARA ASSINAR OU ENCOMENDAR

LOJA.TRUSTINNEWS.PT OU LIGUE 21 870 50 50

Dias úteis, das 9h às 19h

PERCURSO 1

VALE DO SOUSA



Escondido nas pedras

*Foi pelo Vale do Sousa que a Rota do Românico
começou a ser delineada. Viveria não só de património
histórico e arquitetónico, mas de experiências. Mesas
fartas, projetos culturais e paisagens arrebatadoras
vieram enriquecê-la*

TEXTO **Joana Loureiro** FOTOGRAFIA **Lucília Monteiro**

CASA MUSEU DE VILAR

■ R. Rui Feijó, 921, Vilar do Torno e Alentem, Lousada
T. 255 913 446

TORRE DE VILAR

■ Alameda Torre de Vilar, Vilar do Torno e Alentem, Lousada. Visita por marcação
T. 255 810 706

Os sete blocos de betão do **Centro de Interpretação do Românico (CIR)** erguem-se no centro de **Lousada** como uma fortaleza, a recordar as torres medievais. Entra-se por um arco de volta perfeita, um dos muitos elementos simbólicos a destacar no projeto arquitetónico, assinado por Henrique Marques e Rui Dinis, do atelier Space-workers. Recriaram um claustro românico, construíram percursos não lineares semelhantes ao traçado dos burgos medievais e exploraram, com mestria, o jogo entre as luzes e as sombras. Neste arrojado edifício, quis-se recuperar e atualizar as linhas estilísticas do românico, criando como que uma imponente peça escultórica.

Em 2018, para assinalar o 20.º aniversário da génese da Rota do Românico (RR) e o 10.º aniversário da sua apresentação pública, foi inaugurado o CIR. Isto porque, apesar do impacto positivo num território sem apetência turística, havia a necessidade de ter um grande equipamento de divulgação deste património histórico-cultural, atualmente disseminado por 12 municípios dos Vales do Sousa, Douro e Tâmega: Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Amarante, Baião, Celorico de Basto, Cinfães, Marco de Canaveses e Resende. A exposição permanente está distribuída por seis salas temáticas: Território e Formação de Portugal; Sociedade Medieval; O Românico; Os Construtores; Simbolismo e Cor; Os Monumentos ao Longo dos Tempos. Todas recorrem às novas tecnologias para explanar os conteúdos, com painéis interativos e soluções imaginativas, como os enormes lápis que, ao nosso toque, cobrem de cores os frescos projetados nas paredes. Ali, os visitantes podem recolher



informação, simples e didática, e alimentar a vontade de conhecer a rota. Afinal, é lá que está a História.

Enquadrados em cenários bucólicos, existem 58 monumentos para descobrir, como exemplares da arquitetura civil, mas sobretudo mosteiros e igrejas, a testemunhar a implantação de várias ordens religiosas neste território, entre os séculos XI e XIV, com o favorecimento de reis e de

A VIAGEM DEVE INICIAR-SE NO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO ROMÂNICO, EM LOUSADA



LOUSADA



nobres. Mas, enquanto produto turístico, a RR não se fica pela História e apresenta muitos programas, a encaixar com os interesses e a disponibilidade do visitante. Há sugestões de onde comer e dormir, além de experiências diferenciadoras – existe um selo de qualidade da rota, já distribuído por 191 unidades, que tiram frutos desta dinâmica –, que acrescentam outras memórias ao passeio e ajudam a encurtar as distâncias neste território tão extenso. Basta consultar o site para se ter uma ideia da variedade das ofertas deste românico, pensadas para amantes da adrenalina, famílias, românticos, festeiros, bons garfos ou caminhantes. “O romântico é a temática-âncora, mas depois foi criado um conjunto diversificado de outras propostas, além dos castelos e igrejas”, sublinha Duarte Pinheiro, da RR, que nos acompanha nos primeiros passos da visita, precisamente em Lousada.

DIA 1 DE LOUSADA A PENAFIEL

Começamos por um monumento singular, no topo de um afloramento granítico e escondido entre um pequeno bosque de carvalhos, a **Torre de Vilar** (também conhecida como Torre dos Mouros, embora estes nunca tenham andado por aquelas bandas). Uma *domus fortis*, ou seja, uma residência senhorial fortificada, com cerca de 14 metros de altura e planta retangular, mandada construir por D. Gil Martins (ligado à importante família Ribavizela), entre o final do séc. XIII e o início do séc. XIV, como forma de assumir o seu poderio. “Mais do que uma torre de defesa ou militar, é uma torre senhorial”, explica Duarte.

Terá sido o segundo monumento da rota a ser recuperado, quando esta ainda se concentrava no Vale do Sousa (em 2010, juntaram-se mais seis municípios).

O Centro de Interpretação do Românico convida à descoberta dos 12 municípios da Rota

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO ROMÂNICO

■ Praça das Pocinhas, 107, Lousada. De terça a domingo: 10h-18h. Encerra às segundas-feiras e nos dias 1 de janeiro, Domingo de Páscoa, 1 de maio e 25 de dezembro.

PERCURSO 1 VALE DO SOUSA

MOINHO DO MOLEIRO

■ R. do Souto, Paço de Sousa, Penafiel
T. 255 752 131

MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE FERREIRA

■ Av. Mosteiro de Ferreira, Ferreira, Paços de Ferreira.
Visita por marcação
T. 255 810 706

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE POMBEIRO

■ Rua do Mosteiro, Pombeiro de Ribavizela, Felgueiras
T. 255 810 706



“Estava completamente destruído, do seu interior via-se o céu”, recorda. Foi então reconvertido em centro interpretativo, um local onde os visitantes podem recolher informações turísticas, criando-se ainda uma estrutura em madeira com quatro pisos, semelhante à que existiu outrora, para aceder ao adarve que circunda o topo e admirar a vista. Na envolvente, construiu-se o **Parque Natural da Torre de Vilar**, um local aprazível para passeios e piqueniques, onde o serviço educativo também aproveita para desenvolver algumas atividades para crianças. “Após a nossa intervenção, a população passou a valorizar mais este património”, defende o guia.

Aproveitamos a passagem pela freguesia de Vilar do Torno e Alentem, para conhecer uma atração completamente distinta. Falamos da **Casa Museu de Vilar**, projeto dedicado às imagens animadas, criado em 2014 por dois dos nossos mais



conhecidos realizadores de cinema de animação: Abi Feijó e Regina Pessoa. “Já sou a quarta geração nesta casa, recebi-a por herança, mas era como manter um transatlântico, é muito grande... tinha de dar-lhe outra vida”, conta Abi. À entrada da casa, concentra-se a coleção dedicada ao pré-cinema, com zootropos, lanternas mágicas e outros aparelhos que estiveram na origem do cinema, de diferentes ori-

ENQUADRADOS
EM CENÁRIOS
BUCÓLICOS,
EXISTEM 58
MONUMENTOS
PARA DESCOBRIR



LOUSADA



A Torre de Vilar (à esquerda) e a Casa-Museu de Vilar, em Lousada, um projeto dos realizadores Abi Feijó e Regina Pessoa, dedicado às imagens animadas (à direita)



gens e técnicas, em que se percebe a ilusão do movimento. “Tudo isto funciona! Nos workshops que faço com crianças, preciso de uma abordagem simples e recorro muito a estes instrumentos”, explica Abi. Nas salas contíguas, estão expostos materiais dos filmes mais conhecidos dos cineastas – de *Os Salteadores* a *História Trágica com Final Feliz* –, e desenhos originais de outros filmes internacionais de animação (excertos são exibidos num visor), que lhes foram oferecendo. Entre eles, os trabalhos de Normand Roger e Marcy Paige, ambos vencedores de Oscars, casal que também ali vive, durante parte do ano. Existe ainda uma biblioteca e videoteca sobre filmes de animação, de consulta livre, além de uma sala para oficinas e sessões de cinema. As visitas funcionam sempre por marcação. “Se não for uma visita guiada, estão aqui dez minutos e não percebem o que estão a ver”, defende Abi Feijó. Assim, têm o priv-

ilégio de contactar com os próprios mentores do museu.

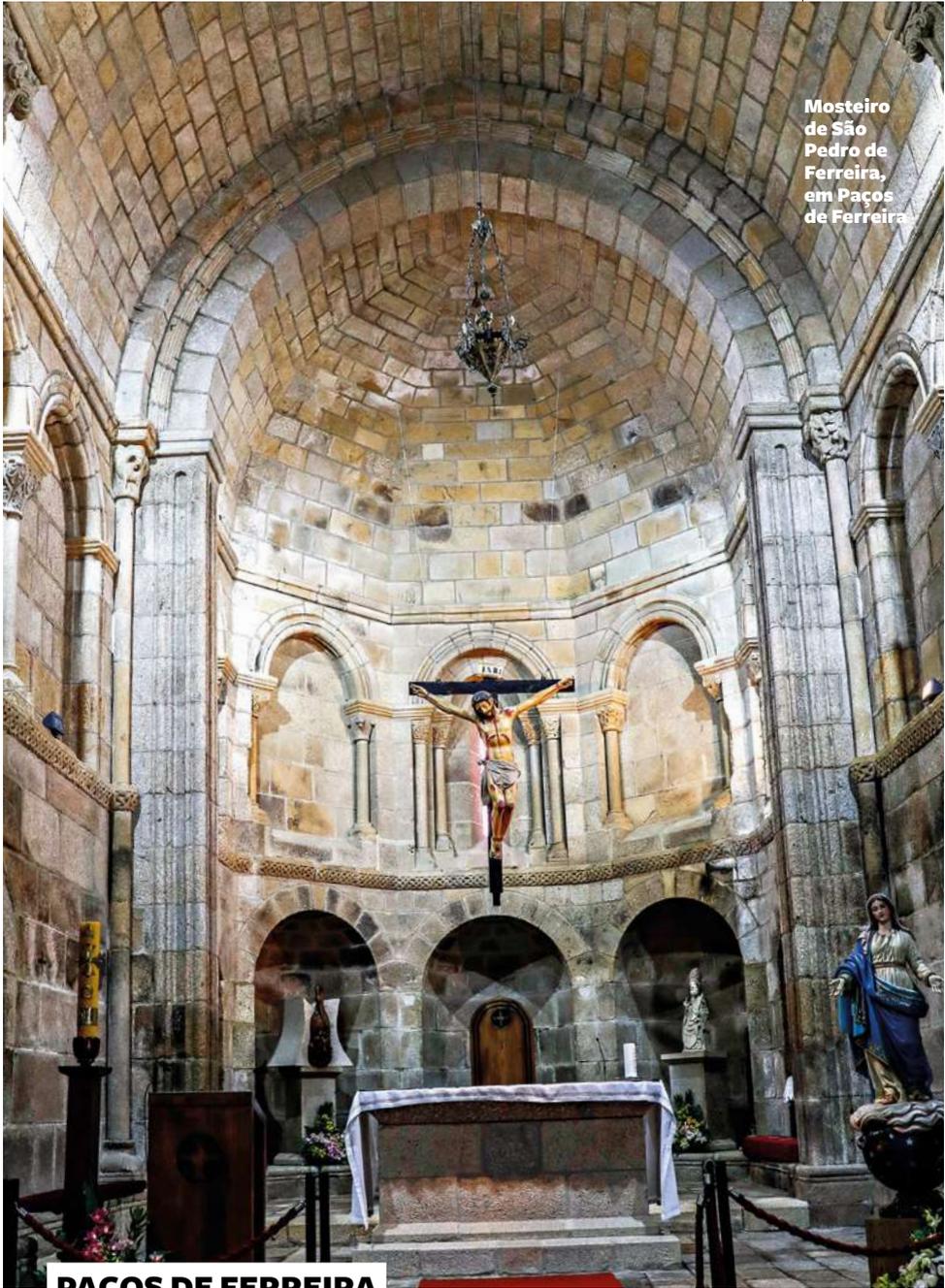
No percurso entre um e outro ponto turístico, cruzam-se diferentes municípios. “Para o visitante, é indiferente saber se um dia está em Lousada e se noutro está em Amarante... o turismo não tem fronteiras e, na rota, é tão importante o município que tem só um monumento como o que tem dez”, aponta Duarte Pinheiro. Seguimos então para o **Mosteiro de São Pedro de Ferreira**, um dos mais significativos da rota, na freguesia com o mesmo nome, em Paços de Ferreira. Do conjunto monástico, manteve-se apenas a igreja, um edifício do séc. XII, onde se pode apreciar os vários estilos da arquitetura românica – responsável pela disseminação do cristianismo pela Europa. “Reparem nas colunas em forma de bolbo do portal, são já um motivo do românico nacionalizado”, explica José Augusto Costa, o historiador que nos acom-

MOSTEIRO DO SALVADOR DE PAÇO DE SOUSA
Fundado no século X, é monumento nacional desde 1910. Visita por marcação
■ Largo do Mosteiro, Paço de Sousa, Penafiel
T. 255 810 706

PERCURSO 1 VALE DO SOUSA



Mosteiro
de São
Pedro de
Ferreira,
em Paços
de Ferreira



PAÇOS DE FERREIRA

MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE CÊTE

Fundado no século X, foi restaurado entre o final do século XIII e o princípio do século XIV. Visita por marcação
■ Largo do Mosteiro, Cête, Paredes
T. 255 810 706

RESTAURANTE AIDÉ

■ Av. Primeiro de Dezembro, 137, Paços de Ferreira
T. 255 962 548

panha agora na visita. Isto porque quando o românico chega a Portugal, não se limita a copiar os modelos europeus e ganha um cunho próprio. A rendilhada decoração do portal é disso exemplo. Outra particularidade desta igreja é o facto de ser a única da rota cujo nártex não foi completamente destruído, um espaço funerário colocado na antecâmara.

Se tiver tempo, aproveite para fazer uma prova dos produtos (compotas, queijos e bolachas) da marca **Paladares Paroquianos**, ligado a esta paróquia, cujos lucros revertem para centros sociais. Ou então, se já for hora do almoço, encaminhe-se para a sede do concelho e experimente a cozinha regional do **restaurante Aidé**, fundado em 1962 e mantido sempre na mesma família. Entre as especialidades, está o famoso capão à Freamunde (pelo qual já foram premiados), servido apenas no inverno, o Joelho de porca assado no forno ou a meia desfeita de bacalhau. A carta tem também algumas derivações mais modernas, sobretudo nas entradas e nas sobremesas. Quanto à casa, foi completamente remodelada e já pouco guarda das origens.

Partimos agora para o mosteiro beneditino de **Santa Maria do Pombeiro**, em Felgueiras, um dos mais importantes da rota, pela dimensão e pelo ecletismo arquitetónico. “Temos aqui vários tempos”, sublinha José Augusto. As origens remontam ao séc. XI e, tal como a maioria das igrejas da época românica, sofreu inúmeras renovações ao longo dos tempos. Desse período, destaca-se o belíssimo alçado do portal principal, com os capitéis ornamentados, sobretudo, de motivos vegetalista. Mas é inevitável que o olhar fuja para pormenores de outros períodos, como o retábulo dourado da capela-mor – executado entre 1770-1773, com a curiosa imagem medieval de Santa-Maria-a-Alta –

ou o restaurado órgão de tubos, a ouvir-se após 200 anos em silêncio. A localização do mosteiro é reveladora da habitual implantação das comunidades monásticas nas melhores terras agrícolas. A envolvente rural foi preservada e convida à contemplação.

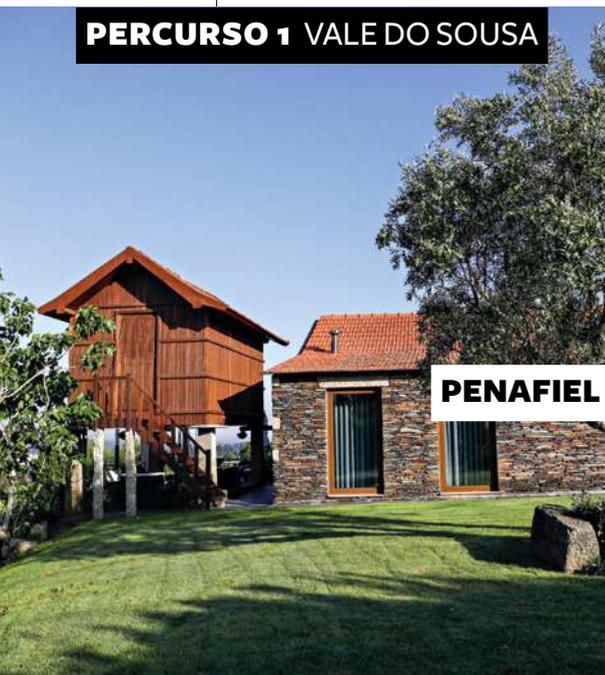
Não por muito tempo, porque nos espera uma história deliciosa. Hoje, uma visita guiada à confeção do famoso **pão de ló de Margaride** consta dos principais guias turísticos da região. A produção remonta a 1730 e está sediada, desde 1900, num edifício nobre do centro de Felgueiras, próximo da câmara municipal. Ali, tudo nos remete para uma fotografia de época.

“O nome pão de ló de Margaride vulgarizou-se”, costuma afirmar Guilherme Lickfold, o herdeiro deste negócio familiar, referindo-se às imitações que proliferam pelas redondezas. No entanto, só eles exibem, no logótipo da empresa o «certificado de qualidade» atribuído pela Casa Real Portuguesa, de quem são fornecedores desde 1888. Esta produção não tem nada de vulgar. A sala de fabrico, com a luz coada que sai dos tetos altos e os azulejos vermelhos que cobrem os fornos, mais se assemelha a uma capela. O processo produtivo artesanal manteve-se quase inalterado porque, acreditam, também contribui para o paladar. As masseiras antigas de madeira mexem e remexem a massa (agora mecanicamente, para poupar as mãos das trabalhadoras), que depois é colocada e tapada por formas de barro. Os enormes fornos são aquecidos com um maçarico, alimentado a gás-óleo, até chegarem aos 280 graus. A partir dali e durante os 45 minutos da cozedura, a temperatura é mantida a lenha. Enquanto o tempo passa, é habitual ver-se outro grupo de funcionárias, na preparação dos bolos de gema, outra especialidade da casa, feitos da mesma massa do pão de ló. Vestidas de branco da cabeça

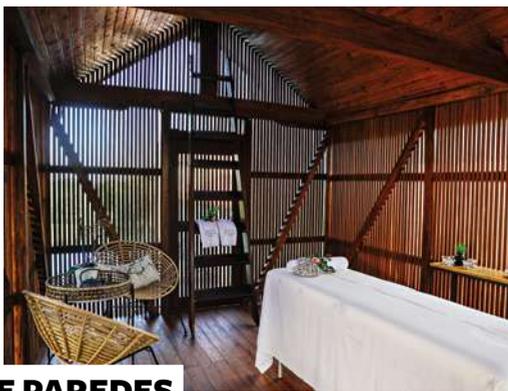


Detalhes do mosteiro beneditino de Santa Maria do Pombeiro, em Felgueiras, um dos mais importantes da rota, como o restaurado órgão de tubos





PENAFIEL E PAREDES



A casa Valxisto, na aldeia de Quintandona, Penafiel (à esq.), os bolinhos de amor preparados por Cândida Santana (ao centro), e o Mosteiro de São Pedro de Cête (à dta.), já em Paredes



CASA VALXISTO

■ R. Padres da Agostinha, 23, Quintandona, Penafiel
T. 255 752 251
a partir de €85

FÁBRICA DO PÃO DE LÓ DE MARGARIDE

■ Pç. da República 340, Felgueiras
T. 255 312 121

CASA DOS BOLINHOS DE AMOR

■ Casais Novos, São Martinho de Recesinhos, Penafiel
T. 255 711 298

aos pés, sentam-se ao redor de uma tina de cobre ao lume, onde está o açúcar em ponto. E, com os dedos calejados, espalham-no ainda quente nos bolos.

O dia de passeio pelo Vale do Sousa terminaria na **aldeia de Quintandona**, em Lagares, Penafiel, a apenas meia hora do Porto, com belas ruelas de moradias reabilitadas, de xisto, granito e ardósia. Ficou conhecida pela festa rija dedicada à sopa da pedra, no terceiro fim de semana de setembro, promovida pela CASAXINÉ, a Associação para a Promoção e Desenvolvimento Cultural de Quintandona. Mas os negócios abertos pelos locais têm mantido a dinâmica da povoação ao longo do ano. É o caso da **Casa Valxisto**, transformada em turismo rural em 2013, ideal para uns dias serenos. Ana Oliveira e o marido, engenheiros, não planeavam entrar no ramo turístico. Mas receberam como herança a propriedade agrícola, grande demais para

a família. “Resolvemos partilhá-la com outros e transformá-la em turismo rural. Estava tudo em ruínas, mas imaginei logo como ficaria”, conta Ana. A recuperação preservou ao máximo a arquitetura original e acrescentou o conforto dos nossos dias. Existem sete quartos com nomes de frutos e de flores espalhados pela quinta, entre o moderno e o rural. O celeiro foi convertido num grande salão, com bilhar e jogos de mesa para passar o tempo. Já o lagar acolhe a sala de refeições, onde são servidos, além do pequeno-almoço (bem) reforçado, pratos típicos da região (por encomenda), do cabrito assado ao cozido, confecionados com produtos criados em Valxisto.

Igualmente atrativo na aldeia é o **Wine Bar Casa da Viúva**, instalado num palheiro recuperado do séc. XVIII, de paredes de xisto e vigas de madeira a contrastar com a decoração cuidada. Mas o jantar estava res-



ervado para um local a poucos quilómetros, bem mais popular, o Moinho do Moleiro, nas margens do rio Sousa. “A casa começou com o meu pai, há cerca de 50 anos, que tinha aqui os moinhos e começou a servir uns petiscos aos pescadores, como as cebolas com vinho, o presunto, a broa, o bacalhau desfiado... depois funcionou o passa-a-palavra e desenvolvemos outros pratos”, conta João Fernandes, o proprietário. Os quatro moinhos de água ainda funcionam e toda a farinha é usada na produção da broa caseira, de milho branco e centeio. Aos poucos, os campos de cultivo ao redor foram sendo ocupados pelo restaurante, mantendo-se o ar bucólico e o improvisado no serviço. Os clientes chegam ao balcão, fazem o seu pedido – há ainda rojões, moelas, pataniscas, orelheira, queijos e enchidos, além de cozido à portuguesa e cabidela por encomenda, para acompanhar com os vinhos da casa –, pagam ime-

diatamente e levam tudo em tabuleiros. “Sempre tivemos este espírito *self service*, já estávamos à frente dos centros comerciais”, brinca João. Debaixo de ramadas, não se imagina melhor local para passar um dia de verão. “O meu melhor cliente é o sol”, diz. E há até quem aproveite para tomar um banho no rio.

DIA 2 ENTRE PENAFIEL E PAREDES

O dia seguinte foi dedicado, quase exclusivamente, ao concelho de Penafiel. Começámos pelo **Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa**, um ex-libris da rota, por guardar no interior o trabalho **túmulo de Egas Moniz** (1080-1146) – aqui se retrata um pouco da vida do aio de D. Afonso Henriques, da importante família dos Ribadouro, que patrocinou a construção deste edifício, no séc. XIII. “É a casa-mãe do românico nacionalizado”, caracteriza José Augusto. Não tivemos oportunidade de visitar o interior, mas admirámos o portal principal, decorado com muitos dos motivos que se repetem em várias igrejas, como as meias pérolas nas arquivoltas, os símbolos do Sol e da Lua no tímpano (a luz e a escuridão), as mísulas representadas por um boi, como que a suportar o edifício (a força), e por um homem a afagar a barba (a sabedoria). Na envolvente, há um

NO PERCURSO ENTRE UM E OUTRO PONTO TURÍSTICO, CRUZAM-SE DIFERENTES MUNICÍPIOS

FIDÉLIS BEER GARDEN SHOP

Neste espaço, Pedro Santos reúne a fábrica das suas cervejas artesanais, a tap room para provas (inclusive, de pequenos lotes, mais experimentais) e a loja. Workshops, tertúlias e concertos fazem parte da agenda.

■ Av. Central de Guilhufe, 1120, Centro Fidélis - Penafiel Cultural & Business Hub, Penafiel

T. 255 724 294

MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL

■ R. do Paço 48, Penafiel
T. 255 712 760

agradável parque, com muitas sombras e um pequeno riacho.

Rumamos então para a centenária **Casa dos Bolinhos de Amor**, na freguesia de São Martinho de Recesinhos, preparados pelas mãos sábias de Cândida Santana, 64 anos, primeiro como funcionária, desde os 10 anos, depois à frente do negócio (agora, já com os filhos a dar uma ajuda). “O segredo da confeção são estes dois dedos”, demonstra, sem revelar os ingredientes da receita destes pequeninos bolos de feira (“todos naturais”), ainda feitos em forno a lenha, cobertos por uma fina camada de açúcar em calda. “É tudo feito à mão, se for feito de maneira diferente não vou lá... é muito trabalhoso”, diz Cândida. Fez também questão de manter a casa como sempre foi, com as paredes de granito, traves de madeira no teto, faiança antiga pendurada nas paredes. Situada à beira da estrada, é um lugar de passagem, vendendo apenas ao balcão. E muitos ali param, atraídos pela fama que vem de longe.

Para conhecer melhor o património e as tradições culturais do concelho, aconselha-se uma visita ao **Museu Municipal de Penafiel**, no coração do centro histórico da cidade. Fundado em 1948, com o crescimento da sua coleção foi necessário encontrar um local condigno para a albergar. O arquiteto Fernando Távora e, após a sua morte, o seu filho José Bernardo Távora, ficaram responsáveis pela recuperação e

A PRODUÇÃO DO PÃO DE LÓ DE MARGARIDE REMONTA A 1730



ampliação deste palacete do início do séc. XVIII, que outrora funcionou como escola e, também por isso, tem uma forte ligação com a comunidade local. “O edifício é gigantesco, tem cinco grandes blocos, mas não nos conseguimos aperceber dessa dimensão porque está muito bem integrado na malha urbana”, explica Maria José Santos, a diretora. Inaugurado em 2009, “foi um projeto-piloto de várias experiências ao nível da museografia e da tecnologia”, acrescenta, que resistiram à passagem do tempo. A ideia é funcionar como um apelativo cartão de visita do concelho, um local onde os turistas encontram toda a informação e são estimulados a partir à descoberta. Cada uma das cinco salas da exposição de longa duração concentra-se numa temática: identidade, território, arqueologia (sobretudo, pré-romana e povoados castrejos, épocas nas quais a coleção é mais forte), ofícios, terra e água. “É quase



PENAFIEL

A preservação exemplar da aldeia de Quintandona (à esq.), o Memorial da Ermida, em homenagem à beata D. Mafalda, e Pedro Santos, do Fidélis Beer Garden Shop



como se tivéssemos cinco museus num só”, sublinha Maria José Santos. Para usufruir com tempo.

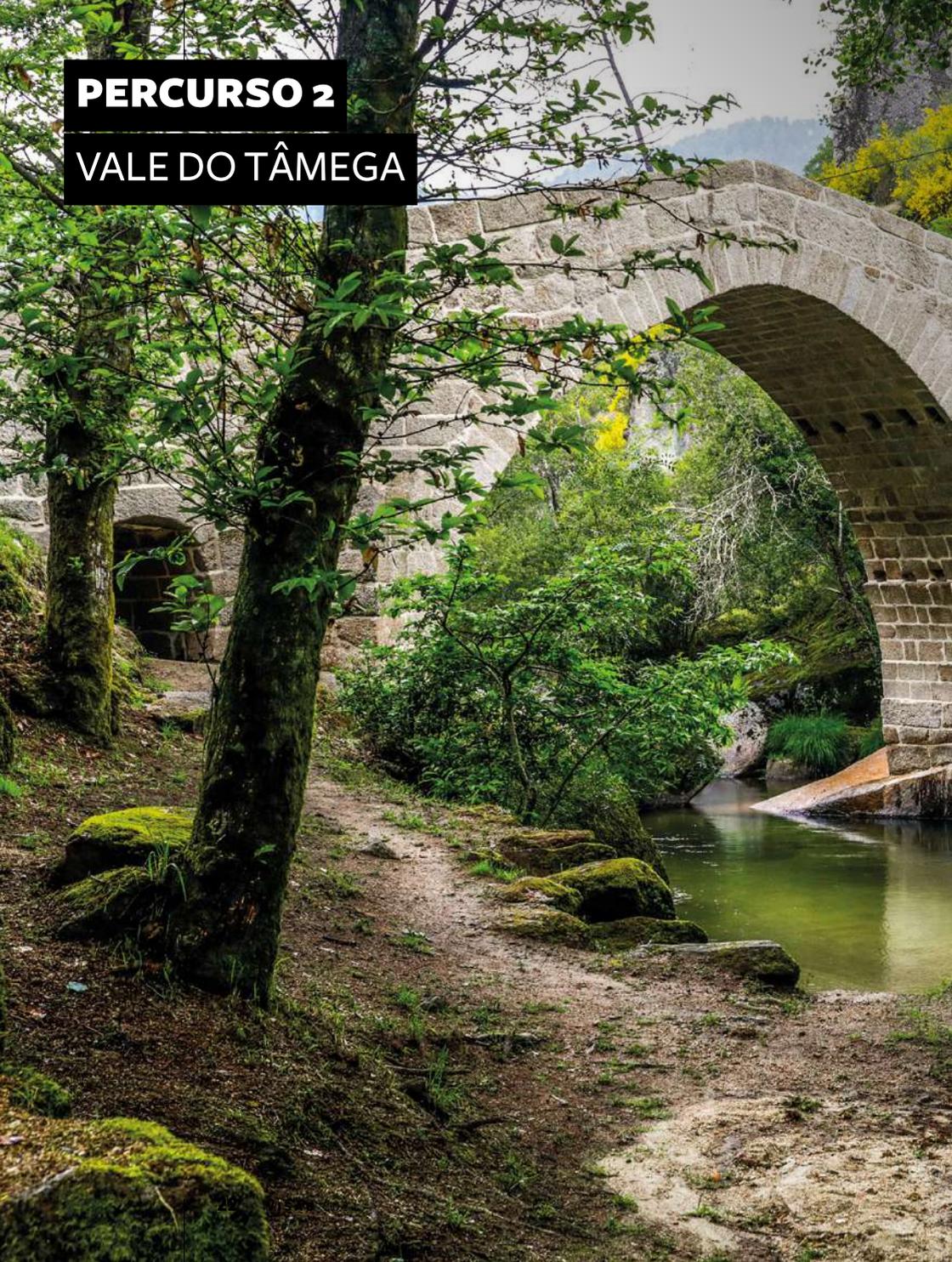
O périplo pelo Vale do Sousa terminar-se-á em **Paredes**. Primeiro, para conhecer o **Mosteiro de São Pedro de Cêtc**, monumento de um românico tardio, na transição para o gótico, de traços singelos e envolvente rural encantadora. “É de 924 a referência mais antiga da existência de um edifício religioso neste local, em boas terras agrícolas, mas a construção desta igreja é dos séc. XIII-XIV”, afirma José Augusto.

A não perder no extremo sul do concelho, está um local com uma forte carga mística, o **Parque da Senhora do Salto**, em Aguiar de Sousa. Chegamos em pleno confinamento, sem visitantes para perturbar a admiração da paisagem agreste, pertencente à Rede Natura 2000. Entre as serras de Pias e de Santa Iria corre o **rio Sousa**, formando escarpas monumen-

tais e enrugadas, com a força das águas a erodir o leito e a criar curiosas marcas geológicas, denominadas marmitas de gigante. “Imaginam como seria este lugar, ao mesmo tempo belo e assustador, há um século?”, questiona Fernanda Pereira, técnica de turismo da Câmara de Paredes. “O povo sentiu a necessidade de interpretar estes fenómenos e assim nasceu a lenda da Senhora do Salto.” Conta a história de um jovem cavaleiro que, numa manhã de nevoeiro, durante uma caçada, avistou o Diabo em forma de lebre e, cavalgando no seu alcance, caiu nesta “Boca do Inferno”. Pediu então salvação à virgem, que transformaria o chão em cera, ficando as marcas da queda para sempre impressas na rocha. Para agradecer o milagre, mandaria ali erguer uma capela, digna de romaria no primeiro domingo de maio. E palco privilegiado, acrescentamos nós, da força da Natureza. ■

PERCURSO 2

VALE DO TÂMEGA





Um fartar de **património** e de boas mesas

*Quando a Rota do Românico não se encerra na sua época e se torna
uma lição de história, alimentada pelas iguarias do Vale do Tâmega,
dos doces conventuais ao vinho verde*

TEXTO **Joana Loureiro** FOTOGRAFIA **Lucília Monteiro**

PERCURSO 2 VALE DO TÂMEGA

Na página anterior, a Ponte do Arco, no Marco de Canaveses. Ao lado, a Igreja de São Gens de Boelhe, em Penafiel



S. Gonçalo de Amarante/ Tantos milagres fazeis/ Que são mais milagres vossos/ estes doces e pastéis”. A fama das receitas do antigo Real Convento das Freiras de Santa Clara de Amarante vem de longe, com registos que remontam ao séc. XVIII. Felizmente, não ficaram no segredo dos deuses, nem arderam juntamente com o convento, por altura das Invasões Francesas. Como fiel depositária das criações culinárias das clarissas ficou a aristocracia rural da região que, em boa hora, decidiu partilhar com as confeitarias da terra os pesos e as medidas dos foguetes, lérias, brisas do Tâmega, papos de anjo e São Gonçalos. Estes doces conventuais continuam a ser a maior fonte de receitas da **Confec-taria da Ponte**, a mais antiga de Amarante, criada em 1930, e das poucas que sempre se mantiveram em laboração, num edifício na margem esquerda do rio Tâmega, logo a seguir à Ponte de D. Gonçalo.



O cuidado centro histórico merece uma deambulação. No cenário destaca-se a **Igreja de S. Gonçalo**, que está neste momento a sofrer a maior intervenção desde a sua construção, no séc. XVI, e não pode ser visitada. Ao lado, nos espaços correspondentes ao antigo convento dominicano, reconvertido pelo arquiteto Alcino Soutinho, fica o **Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso**, onde estão

O CUIDADO
CENTRO
HISTÓRICO DE
AMARANTE
MERECE UMA
DEAMBULAÇÃO



AMARANTE, CELORICO DE BASTO E PENAFIEL



A varanda sobre o Tâmega do Zé da Calçada, em Amarante (ao centro), os vinhos de António Pinto, proprietário da Quinta de Santa Cristina, em Celorico de Basto e o anho assado do restaurante Rocha, em Penafiel



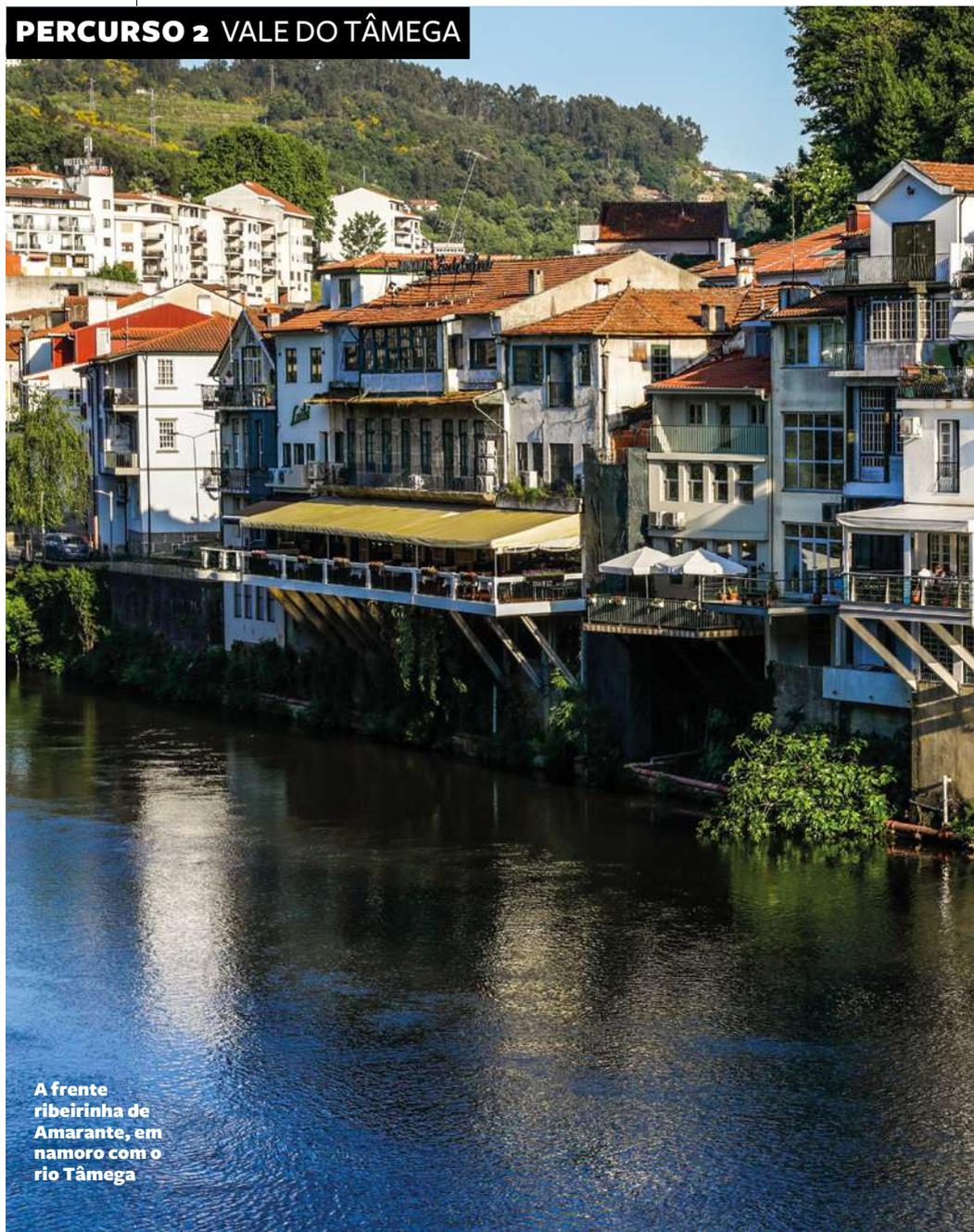
guardadas cerca de 25 obras do famoso pintor amarantino (1887-1918), a principal referência da instituição. Do acervo constam ainda referências de outras grandes figuras das artes, naturais de Amarante, como António Carneiro e Acácio Lino. Mas a coleção de arte portuguesa moderna e contemporânea foi crescendo – também por força do prémio com o nome do seu patrono – e hoje alberga obras, entre outros, de Júlio Resende, Manuel Cargaleiro, Nadir Afonso, Vieira da Silva e José Guimarães. E não nos podemos esquecer dos célebres “diabos de Amarante” – vale a pena conhecer a história do escultural casal de mafarricos.

Pela cidade não faltam boas mesas, muitas com varandas sobre o Tâmega, para apreciar o belo cenário ribeirinho. Na típica Rua 31 de Janeiro, que concentra grande parte da restauração, está uma das casas mais afamadas, o **Zé da Calçada**, fundada

em 1945, cuja carta se mantém (quase) fiel à gastronomia da região. “Há umas décadas, vinha-se a este restaurante em datas festivas, hoje não é tanto assim, fomos ajustando os preços, embora haja o mesmo o rigor na cozinha”, diz Lúcia Monteiro, a proprietária. A decoração clássica das salas também foi preservada.

Para gastar as calorias, há sempre a hipótese de percorrer a **Ecopista do Tâmega**, que ocupa quase 40 km da antiga linha férrea, entre Amarante e Arco de Baúlhe (Cabeceiras de Basto), passando por Celorico de Basto. É neste concelho que se encontra o **Castelo de Arnoia**, o único da rota, implantado no alto de um cabeço montanhoso, rodeado de montes verdejantes e vales férteis, com uma bela panorâmica da **Terra de Basto** – assim se denomina o território encaixado entre as serras do Marão e Alvão (a nascente) e as serras da Cabreira e Lameira (a norte e

PERCURSO 2 VALE DO TÂMEGA



A frente
ribeirinha de
Amarante, em
namoro com o
rio Tâmega



PERCURSO 2 VALE DO TÂMEGA



AMARANTE

A tranquilidade da Quinta da Pousadela, e a imponência do Mosteiro do Salvador de Travanca, em Amarante



QUINTA DE SANTA CRISTINA

■ R. de Santa Cristina, 80, Veade, Celorico de Basto
T. 91 252 7396

MUSEU AMADEO DE SOUZA - CARDOSO

■ Al. Teixeira de Pascoaes, Amarante
T. 255 420 282

poente). Aos seus pés está uma das Aldeias de Portugal, em tempos conhecida como Villa de Basto (foi sede do concelho até 1719) e hoje denominada como **Castelo**, onde fica o centro interpretativo do monumento. Reduzida a função militar desta fortificação, o aglomerado foi progressivamente abandonado, mantendo um núcleo harmonioso de casas de granito. Dali parte um percurso circular de 17 km, a explorar a povoação e a ruralidade envolvente.

Aproveitemos a ida a Celorico de Basto para conhecer, em Veade, a **Quinta de Santa Cristina**, um dos maiores produtores pertencente à sub-região de Basto, na Região Demarcada dos Vinhos Verdes, com adega própria desde 2013. Ali organizam visitas guiadas e diferentes provas de vinhos, com vista para os 35 hectares de vinhas, a 470 metros de altitude. “Pensei que este projeto seria um bom refúgio após a reforma, mas deixei-me envolver”,

conta António Pinto, o administrador desta sociedade familiar, a propósito das crescentes ambições. Vinhos velhos e espumantes, criados pelo enólogo Jorge Sousa Pinto, estão entre as 18 referências da Quinta de Santa Cristina, que quer apostar cada vez mais em nichos. “Quero posicionar a marca num segmento superi-

O MOSTEIRO DO SALVADOR DE TRAVANCA, DO SÉCULO XII, PROPORCIONA UMA LIÇÃO DE HISTÓRIA

or e desmistificar a ideia de que os vinhos verdes não são para guardar”, sublinha António Pinto. As castas rainhas são as autóctones: vinhão, padeiro, arinto, espadeiro, trajadura e azal. E também já introduziram o alvarinho.

MENSAGENS DEIXADAS NA PEDRA

Regressemos a Amarante para admirar o **Mosteiro do Salvador de Travanca**, fundado no século XII. “É um dos mosteiros beneditinos mais importantes da região, ligado à família de Egas Moniz, e um dos mais iconografados, com várias mensagens na pedra como forma de catequização”, aponta José Augusto Costa, o nosso guia-historiador da RR. Nos capitéis, vemos esculturas de aves em forma de serpente ou com os pescoços enlaçados (símbolo da união e da eternidade), homens a suportarem o peso da igreja, monstros a tragarem figuras nuas, a atemorizarem os fiéis. Destaca-se igualmente a torre sineira, de aspeto militarizado, com o portal decorado com uma representação do *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus), já posterior ao românico, tal como muitos outros elementos, a acompanhar a evolução dos tempos e as necessidades das comunidades, monásticas e laicas. “Conseguimos ver as cicatrizes da igreja, reparem naquela pedra mais branca”, aponta o guia. A intervenção profunda na década de 1930 pretendeu “uma correção e harmonização estética”, mais despojada. Espreite-se ainda a fabulosa sacristia, de teto em madeira completamente trabalhado, capela com retábulo em estilo nacional, esculturas e pinturas espalhadas pelos contadores. Já a hospedaria, do séc. XVIII, onde chegou a funcionar como escola e hospital psiquiátrico, mostra sinais de abandono, embora vá em breve ser



Pormenor do centro histórico de Amarante. Em baixo, as fatias do Freixo da Casa dos Lenteirões, no Marco de Canaveses

transformada em hotel, ao abrigo do programa Revive.

A noite seria passada noutro ponto do concelho, na **Quinta da Pousadela**, desde 2012 transformada em agroturismo. “Era uma propriedade da família, após ter passado pela Universidade de Vila Real, vim para cá morar”, conta Paulo Amado. Parte das casas da pequena aldeia, onde chegaram a viver 36 pessoas, foram convertidas em alojamento (dez quartos), mantendo a granítica traça original. O palheiro e a antiga eira funcionam como zonas comuns. Existem dois caminhos sinalizados para os hóspedes percorrerem os 60 hectares de terreno, com vinhas e bosques frondosos.

NO “ROMÂNICO DE RESISTÊNCIA”

Rumo ao Marco de Canaveses, após a travessia do Tâmega, a primeira par-

PERCURSO 2 VALE DO TÂMEGA



A vista e as iguarias do restaurante da Quinta do Beiral, no Marco de Canaveses

agem é na **Igreja de São Nicolau**, onde nos aguarda Belmiro Barros, um dos muitos cuidadores associados à RR. A qualquer momento, recebe um telefonema a avisar da chegada de visitantes e apronta-se para lhes abrir a porta. “Estou sempre disponível para colaborar, há mais de 30 anos que o faço... as razões estão cá dentro”, diz. Defronte, na margem oposta (direita), avista-se a **Igreja de Santa Maria de Sobretâmega** – a localização de ambas é explicada pelo facto de ali ter existido uma ponte medieval, entretanto demolida, que unia o burgo. Pertencentes ao “românico de resistência”, construídas entre finais do séc. XIII e o início do séc. XIV, exibem aparência sóbria, quase sem ornamentação. No interior da de **São Nicolau**, além do belíssimo retábulo-mor em talha de estilo nacional, destacam-se as pinturas

murais (sécs. XV a XVIII) descobertas após uma intervenção.

Há outras paragens obrigatórias no concelho, por razões distintas. A fama da **Casa dos Lenteirões** remonta a 1819 e ali se continuam a produzir artesanalmente (e a vender ao balcão) os **doces do Freixo**, sendo estrelas as fatias (pão de ló cortado em pedaços retangulares, com uma fina camada de gemas e de calda de açúcar no topo). “A receita está guardada a sete chaves, mas conta com dedicação e bons produtos”, sublinha Paulo Mendes, a quarta geração da família com as mãos na massa. Há também cavacas, muitos biscoitos, pão de ló e bolos de gema.

A travessia seguinte é a do rio Ovelha, pela **Ponte do Arco**, num cenário abundante em vegetação e sombras, quase idílico, ideal para um piquenique – e para uns mergulhos, quando o tempo convinda. Composta por um só arco de volta



MARCO DE CANAVESES

Interior e exterior da Igreja de São Martinho de Soalhães, no Marco de Canaveses, intensamente reformulada ao longo dos tempos



perfeita, de grandes dimensões, assenta na perfeição dos afloramentos rochosos de cada margem. Por ali passa um percurso circular, de 13,7 km, a palmilhar as encostas deste curso de água. Próxima, na freguesia de Folhada, está a **Quinta do Bciral**, com restaurante aberto em 2015, que tem como especialidade regional o verde (também conhecido como bazulaque), um guisado dos miúdos do anho, a que é adicionado sangue e pão de Padornelo. “A nossa receita está na família há 63 anos, fomos modernizando e adicionando outras carnes, cortadas

em pedacinhos muito pequenos... é um prato forte, servido em ocasiões especiais, como entrada”, conta Isabel Pinheiro, a proprietária. O anho no forno a lenha, de produção própria, é outra das iguarias. Pelas janelas, avistam-se os 11 hectares da propriedade, em parte dedicados à produção de vinho verde, a ser lançado brevemente para o mercado. Na casa, já se sabe, nunca falta um copinho.

Consolidado o estômago, espreitemos a **Igreja de São Martinho de Soalhães**. Restam poucos vestígios da origem medieval (o portal, a rosácea...), já que o templo foi completamente reformulado, no séc. XVIII, assumindo uma estética adaptada a outra liturgia, espírito e gosto. O interior é profusamente decorado de talha dourada e painéis de azulejos de azul-cobalto com cenas bíblicas, revelando o estatuto da igreja. Detalhes de pasmar, a merecer uma visita com tempo.

RESTAURANTE ZÉ DA CALÇADA
 ■ R. 31 de Janeiro, 83, Amarante > T. 255 426 814

QUINTA DA POU-SADELA
 ■ R. Central de Ólo, 353, Ólo, Amarante
 T. 96 689 9922

A RECEITA DOS
 DOCES DO FREIXO
 ESTÁ GUARDADA A
 SETE CHAVES

PERCURSO 2 VALE DO TÂMEGA





**Portal da
torre sineira
do Mosteiro
do Salvador,
em Amarante
(à esq.) e
Centro de
Interpretação
da Escultura
Românica, em
Penafiel (à
dta.)**

CASA DOS LENTEI- RÕES - DOCES DO FREIXO

■ Av. Futebol
Clube do Porto,
1635, Marco de
Canaveses
T. 255 522 180

QUINTA DO BEIRAL

■ R. 29 de
Agosto, 415,
Folhada, Marco
de Canaveses
T. 255 105 421

CENTRO DE INTER- PRETA- ÇÃO DA ESCULTU- RA ROMÂ- NICA

■ Lg. Dr.
Armando
Melo, Abragão,
Penafiel
T. 255 810 708
€2

RESTAU- RANTE ROCHA

■ R. Central
de Ribaçais,
629, Abragão,
Penafiel
T. 255 942 455

BRINQUEDO DIVINO

Saltemos agora para o concelho de Penafiel, no que ao Vale do Tâmega lhe diz respeito. A merecer um pequeno desvio aos nossos planos, esteve a **Capela de S. Gens de Boelhe**, o santo comediante, padroeiro dos atores, que se manteve quase intacta ao longo dos tempos. Ao contrário de outras paróquias, quando foi necessário crescer, não a demoliram, optando por construir uma nova igreja ao lado. Quase todos os blocos de pedra estão siglados – assinatura do canteiro que os aparelhou e que por esse trabalho receberia o salário no fim do dia. É considerada uma das mais conseguidas expressões decorativas do românico rural, pela beleza da conceção escultórica dos capitéis do portal. Os cachorros das fachadas laterais destacam-se pela variedade, exibindo cabeças de touro, homens a transportar pedra (como se o escultor se representasse), outros de ar pensativo, a coçar o queixo. Sobre ela, escreveu Miguel Torga nos seus *Diários*: “Uma capelinha românica que me pareceu um brinquedo divino.”

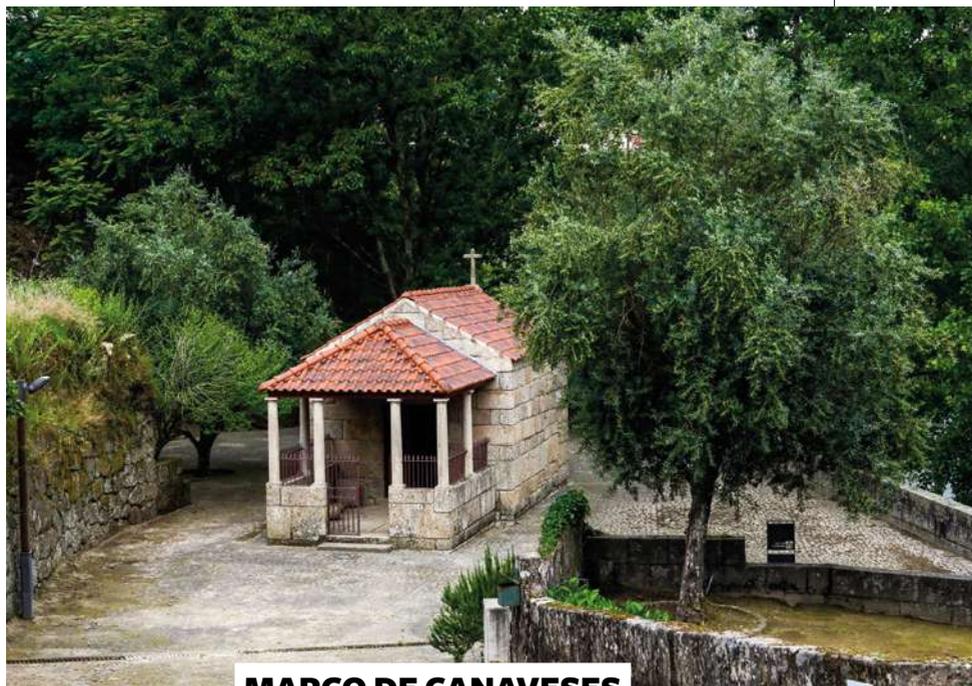
Quando já estávamos de partida, fomos abordados por Cátia Ribeiro, que nos fala do entusiasmo com que o filho, Pedro, de 11 anos, estudou esta igreja para um trabalho da escola. “Vestiu uma bata, como se fosse um investigador, fez a visita, falou com a população, teve uma aula online com al-

guém da RR... envolveu-se muito, quando chegou a casa ainda estava a falar sobre o que tinha aprendido”, conta. O certo é que nunca mais olhará da mesma forma para a Capela de S. Gens de Boelhe.

O dia terminaria noutra freguesia de Penafiel, **Abragão**. Não só para visitar a **Igreja de São Pedro** – da época românica, conserva apenas a cabeceira e a capela-mor –, mas também o **Centro de Interpretação da Escultura Românica** que nasceu ao lado, precisamente para explorar as cerca de 70 peças descobertas durante uns arranjos urbanísticos nas imediações, em 2006, que se revelaram pertencer à antiga nave, do século XII. “Aproveitou-se este achado para falar aqui da importância da escultura românica, de uma forma geral”, explica Ricardo Vieira, que nos guia pelo centro. No início do percurso expositivo são apresentados em fotografia vários exemplos. “Era preciso catequizar o povo e as igrejas são autênticos livros, as pedras até nos falam”, diz. A simbologia de cada representação é abordada ao detalhe, assim como o ofício dos pedreiros, ainda tão importante para a indústria da região. Um dos espaços do centro é dedicado à Igreja de Abragão, com as pedras encontradas e um *video mapping* a fazer a reconstituição do que terá sido. “É uma viagem no tempo”, descreve Ricardo Vieira.

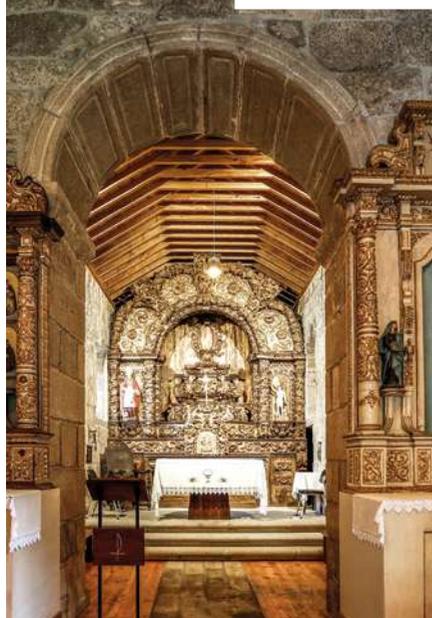
Se pela gula começamos este texto, pela gula terminamos, com uma refeição no **restaurante Rocha**. Uma “instituição” da freguesia, já com 42 anos, conhecida pelo anho assado em forno a lenha e por outros pratos tradicionais, como a vitela assada, o polvo à lagareiro, o frango de cabidela. “A casa cresceu imenso, hoje temos sala de eventos e até alojamento local”, conta Nelson Rocha, filho dos fundadores. A tasquinha de paredes de granito pela qual começaram até pode estar irreconhecível, mas os sabores são os de sempre. Apuradíssimos. ■

GRAÇAS ÀS
ESCULTURAS, AS
IGREJAS FORAM
AUTÊNTICOS LIVROS,
EM QUE AS PEDRAS
ATÉ PARECIAM FALAR



MARCO DE CANAVESES

Igreja de São Nicolau de Canaveses e Capela de São Lázaro, no Marco de Canaveses, junto ao rio Tâmega, e Belmiro Barros, o seu cuidador



PERCURSO 3

VALE DO DOURO



A generosidade da **Natureza**

*Visitamos mosteiros, ilhas lendárias, refúgios campestres
de escritores, tendo por mote o desbravar dos cenários mais agrestes
da serra de Montemuro e do Vale do Douro*

TEXTO **Joana Loureiro** FOTOGRAFIA **Lucília Monteiro**



PERCURSO 3 VALE DO DOURO



CINFÃES

A Ponte da Panchorra, sobre o rio Cabrum, que divide os municípios de Resende e de Cinfães





RESENDE E BAIÃO

As iguarias do Vale do Douro vão desde as cavacas de Resende, aqui feitas por Evangelina Fontão, ao frango alourado com arroz de favas servido no restaurante de Tormes, em Baião



Em pleno planalto da **serra de Montemuro**, a mais de mil metros de altitude, o cenário em torno da **Ponte da Panchorra**, sobre o rio Cabrum, é um mimo de bucolismo. Para ultrapassar este modesto curso de água, a dividir os municípios de Resende e Cinfães, foi construído este exemplar de dois arcos, sem grande monumentalidade, mas com um enquadramento natural tão belo que o frio que se faz sentir parece congelar. Embora os populares a confundam como sendo de origem romana, a primeira referência a seu respeito surge apenas em 1258 e terá sido construída para suprir as necessidades de acesso da comunidade aos terrenos agrícolas e silvícolas. “Continua a ser usada pela transumância, é habitual ver-se os pastores com as mantas de burel a pastear ali as cabras”, diz José Augusto Costa, o guia da Rota do Românico que nos

leva à descoberta dos encantos do Vale do Douro. Hoje, a ponte assiste a outras travessias. Por ali passa um dos nove percursos circulares sinalizados pelo **Centro de BTT do Montemuro** (com valências distribuídas por Cinfães e Resende), de 40 km (dificuldade média-alta), a explorar a maior zona planáltica da serra, nas imediações da Lagoa D. João, e alguns dos vales mais conhecidos, como o vale do rio Cabrum, Corvo e Ribeira de S. Martinho.

Na verdade, antecipamo-nos no relato da nossa viagem, pela estrada fora, que começou precisamente no centro de **Resende**, em busca das cavacas, o doce afamado da vila duriense. Falamos de um bolo tipo pão de ló, fatiado e molhado em calda de açúcar. No insuspeito **café snack-bar Convívio**, encontramos uma produção bem caseira, levada a cabo por Evangelina Fontão. O estabelecimento, gerido pelo marido, Abel Pereira, existe há

FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ

■ Caminho de Jacinto, 3110, Quinta de Tormes, Santa Cruz do Douro – Baião
T. 254 882 120, 255 137 862 (restaurante)

PERCURSO 3 VALE DO DOURO





RESENDE

PERCURSO 3 VALE DO DOURO

CAFÉ SNACK- BAR CONVÍVIO

■ Av. Dr.
Francisco Sá
Carneiro, 842,
Resende
T. 254 871 022

RESTAU- RANTE RECANTO DOS CAR- VALHOS

■ Lg. dos
Carvalhos,
Gralheira,
Cinfães
T. 255 571 566



CINFÃES



26 anos, mas só há quatro é que eles se viraram para o fabrico do doce, na pequena cozinha. “Tão tarde comecei a fazê-lo e tão cedo comecei a batê-lo”, conta Evangelina, recordando os tempos de criança, em que ia buscar cavacas à doceira, a mando da avó, que as comia sempre ao lanche, e

CONTA-SE QUE
FOI NO MOSTEIRO
DE SANTA MARIA
DE CÁRQUERE
QUE D. AFONSO
HENRIQUES SE
CUROU,
EM CRIANÇA



acabava a ajudar a senhora. O certo é que o passa-a-palavra tem-lhe assegurado clientela fiel. A origem do doce é contada em poucas palavras: “Os antigos diziam que começou com um bolo de casamento. Já estava feito quando o noivo adoeceu, e foram obrigados a adiar a cerimónia. Por isso, tiveram de o guardar e, para não ficar seco, molharam-no numa calda.”

LENDA DE D. AFONSO HENRIQUES

Abandonemos então a vila para enfrentar as curvas e contracurvas da estrada pontuada por cerejeiras, a subir a encosta norte do maciço de Montemuro, a oitava maior elevação de Portugal continental. Vamos no alcanço do **Mosteiro de Santa Maria de Cárquere**, conhecido pelo conjunto arquitetónico e pela ligação aos primeiros anos da nacionalidade.



RESENDE



A sopa em pote de ferro servida no Recanto dos Carvalhos, na aldeia da Gralheira (à esq.). O Mosteiro de Santa Maria de Cárquere e os frescos por detrás dos retábulos laterais



Conta-se que foi ali que D. Afonso Henriques se curou, em criança, da fraqueza nas pernas. Teve o seu aio, Egas Moniz, de obedecer ao pedido de Nossa Senhora de construir naquele local uma igreja em sua honra, para o milagre acontecer – a Virgem ainda hoje é alvo de forte devoção. Também há quem diga que o menino não resistiu à viagem e o nobre o terá trocado por um dos seus filhos.

Lendas à parte, o prestígio do templo consolidou-se, embora pouco guarde das suas origens. “É uma igreja muito eclética, com vestígios do manuelino, do barroco nacional e do gótico. No século XX, foram descobertos frescos por detrás dos retábulos laterais, do século XVI, e colocaram um sistema amovível”, explica José Augusto Costa, o nosso guia-historiador da RR, enquanto empurra os retábulos e desvenda as imagens desbotadas de anjos e santos. No exterior, destaca-se ainda

o panteão da poderosa família dos Resende, cuja ornamentada fresta remonta ao românico.

MESAS E CAMINHADAS

Avancemos agora alguns quilómetros, sempre com vista desafogada, até à **aldeia da Gralheira**, onde há mais de 20 anos o acolhedor **restaurant Recanto dos Carvalhos** tem atraído os visitantes com uma oferta atípica, de pizzas, muito procuradas. Mas a carta também exhibe pratos tradicionais, como o anho e o cabrito assado no forno, a vitela arouquesa, o cozido à Gralheira (com feijão vermelho). “Temos bons produtos e o ar da serra. Sente-se a diferença nos sabores”, assegura Liliana Gomes, a proprietária.

Dali seguimos em direção a **Cinfães**, a descer a serra, em busca do percurso pedestre circular (6,7 km) que se desen-

PERCURSO 3 VALE DO DOURO





BAIÃO

PERCURSO 3 VALE DO DOURO



CINFÃES

O percurso pedestre até à ponte de Covelas, sobre o rio Bestança. À direita, uma das mais famosas frestas da Rota do Românico, a da Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela



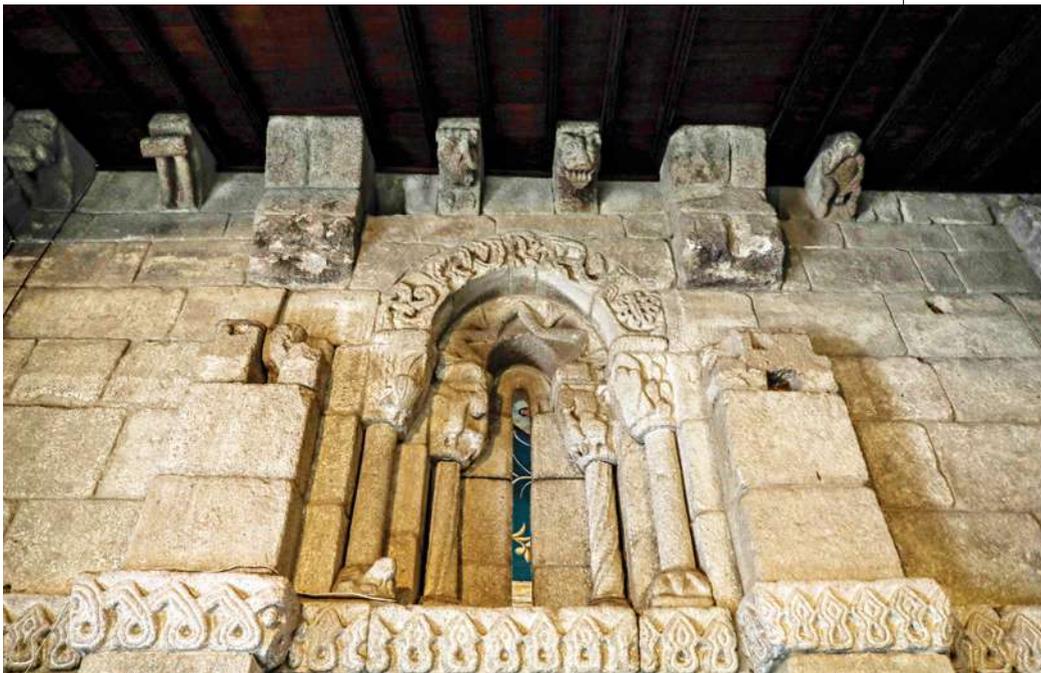
volve nas margens do rio Bestança, passando pelas localidades de Vila de Muros, Covelas e Valverde. Fazemos apenas uns quilómetros, a partir da **aldeia de Covelas**, por uma calçada antiga que nos leva até à **ponte barroca** sobre o rio Bestança, ponto de passagem para os povos que se deslocavam entre Tendais e Porto Antigo. No medalhão cravado a meio da travessia, refere-se ter sido mandada construir em 1762 pelo padre Diogo de Sequeira e Vasconcelos. No cenário idílico, surge um pescador com o seu cão, a saltitar nos penedos da margem e a furar a vegetação cerrada. “Venho em busca de truta, mas ainda não tive sorte. Está muito frio para este peixe”, confessa, sem desânimo. O mais importante, parece-nos, é o mergulho no verde.

Dentro da RR do Vale do Douro, existe mais de uma dezena de pequenos percursos e uma grande rota, a de Montemuro, com 57 km (e variantes que fazem a ligação

às vilas de Cinfães e Resende), que atravessa toda a serra e tem como principais locais de passagem a Nossa Sra. do Castelo, as Portas de Montemuro, o vale do rio Bestança, a Lagoa D. João e o parque fluvial de Porto de Rei, nas margens do rio Douro.

CÃES DE PEDRA

É para lá que partimos, não sem antes parar na Igreja de **Santa Maria Maior de Tarouquela**, ainda no concelho de Cinfães, uma das que possuem maior acervo iconográfico da rota. Antigo mosteiro beneditino feminino, de meados do século XII, exhibe testemunhos artísticos de várias épocas. Do românico, no singelo portal principal, destacam-se as esculturas dos famosos “Cães de Tarouquela”, de cujas mandíbulas pendem corpos humanos, presos pelas pernas – testemunhas da vontade de afastar as



forças malignas. As fraquezas humanas são igualmente exibidas em duas figuras curiosas: a de um homem acorçado a segurar os seus órgãos genitais e, no alçado oposto, a de uma mulher com o sexo evidenciado. A riqueza da ornamentação

NESTE VALE,
EXISTE MAIS
DE UMA DEZENA
DE PEQUENOS
PERCURSOS
PEDESTRES E UMA
GRANDE ROTA,
A DE MONTEMURO,
COM 57 KM

estende-se a outros motivos animais e vegetalistas, a descobrir com cuidado.

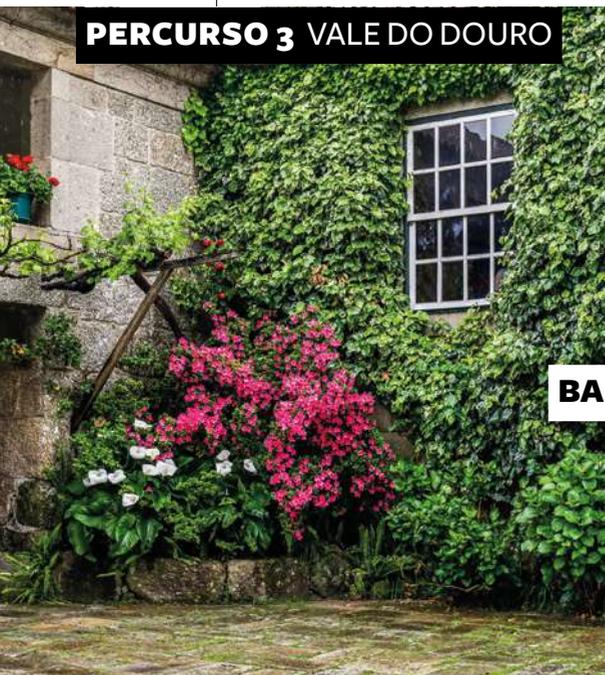
Aguardava-nos o esplendor da paisagem ribeirinha, já em Castelo de Paiva, na **Ilha dos Amores** (o nome pelo qual é vulgarmente conhecida), fronteira à povoação do Castelo, na confluência do rio Paiva com o Douro. Acessível apenas por barco – algumas empresas, como a Out of Town, sediada na pequena marina, organizam passeios e atividades aquáticas –, dali se tem uma privilegiada panorâmica da envolvente. Pouco mais há a observar, a não ser os vestígios de uma ermida, dedicada a S. Pedro, do século XV. Ainda assim, a ilhota, como refere o nome romântico, deu lugar a lendas de amores proibidos, perdidas no tempo.

Havia que saltar agora para a outra margem do Douro, em direção a **Baião**. Primeiro, para visitar o **Mosteiro de Santo André de Ancede**. Por lá decorre, até setembro, a exposição *Ver do Bago*, em antigos edifícios

MONTEIRO DE SANTA MARIA DE CÁRQUERE

■ Rua do Mosteiro, Cárquere, Resende. Visita por marcação T. 255 810 706

PERCURSO 3 VALE DO DOURO



BAIÃO



As visitas guiadas à Fundação Eça de Queiroz permitem conhecer a sua casa de família, em Baião, que serviu de inspiração ao romance *A Cidade e as Serras*



IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR DE TAROUQUELA

Conhecida pelas esculturas, a que a população chama “cães de Tarouqueira”. Visita por marcação.

■ Rua de Santa Maria Maior, Tarouqueira, Cinfães
T. 255 810 706

agrícolas, a celebrar a relação material e simbólica entre a vinha e a paisagem cultural e humana. Os vestígios da época medieval no complexo monástico são escassos, como a rosácea da igreja. Talvez por isso o que realmente nos prende a atenção no local é a **Capela do Senhor do Bom Despacho**, de 1731, levantada no adro, com a sua teatral representação da vida de Cristo. “Estão preparados?”, pergunta José Augusto Costa, antes de entrarmos. De planta octangular, o monumento apresenta seis altares colaterais, com panejamentos, entradas de palco, figuras de primeira e de segunda linha, de madeira policromada. Uma deliciosa extravagância barroca.

TERRA DE EÇA

O dia terminaria em **Tormes**, na **Fundação Eça de Queiroz**, onde jantámos e passámos a noite, na **Casa do Silvério**,

alojamento rural inserido nos limites da propriedade, a **Quinta de Vila Nova**, pertencente a um antigo caseiro. Antes disso, havia que fazer a imperdível visita guiada ao interior da casa da família do notável escritor. “Chega às mãos de Eça por herança da mulher, filha do Conde de Resende”, explica Sandra Melo, que nos acompanha. Terá sido este o cenário real/ficcional do livro *A Cidade e as Serras*, onde nunca viveu

EM TORMES, SERVE-SE GASTRONOMIA TÍPICA, MAS SÓ AQUELA QUE EÇA DESCREVEU NOS SEUS LIVROS



e passou apenas temporadas fugazes. Mas não faltam mobiliário e objetos do autor para apreciar nas diferentes salas – como a sua curiosa secretária, em que escrevia de pé, livros pessoais, manuscritos, quadros, fotografias, chapeleiras, relógios e monóculos –, vindos da casa de Paris, onde morreu, em 1900. “Era chique a valer, nunca saía de casa sem um chapéu”, diz a guia. Para que os bens não se perdessem e se continuasse a divulgação e o estudo da obra de Eça de Queirós, foram então doados, juntamente com a casa e a propriedade, à fundação, criada em 1988.

Conta-se que, na primeira visita a Tormes, Eça escreveu aos caseiros a avisar da sua chegada. No entanto, a carta perdeu-se e, à sua espera, estava a vida simples do campo e uma refeição que ficou registada para sempre nos seus escritos: canja de galinha e frango alourado com arroz de favas. São, precisamente,

estes os pratos servidos ao nosso jantar, os mais famosos do restaurante de Tormes, desde 2013 nas mãos de António Pinto, que em Baião já geria a tradicional cozinha da Residencial Borges.

“Aqui também servimos uma gastronomia típica, mas com uma particularidade: só aquela que Eça descreveu nos seus livros”, conta António. Existem cerca de cinco mil referências, pelo que escolhas não faltam, como a perdiz à convento de Alcântara, o pato com molho de azeitonas ou o bacalhau à Alencar. Habituais são os jantares temáticos e as tertúlias queirosianas, com as quais António ganhou “uma perspetiva muito próxima da vida e obra do escritor”. Esperemos que também os comensais se identifiquem com as confidências trocadas na sua correspondência com Fradique Mendes, e fiquem a conhecer “a especial bem-aventurança, tão grosseira e tão divina, que nos tempos dos frades se chamava a comezaina”. ■

MOSTEIRO DE SANTO ANDRÉ DE ANCEDE

Igreja: visita por marcação.
Mosteiro / Centro Interpretativo da Vinha e do Vinho / Capela do Bom Despacho / Núcleo de Arte Sacra - António Miranda: quarta-feira a domingo: 10h30-13h30 e 14h30-18h30 (verão) ou 09h-13h00 e 14h-17h (inverno).
■ Rua Padre Lima, Ancede, Baião
T. 255 810 706



Planear a **viagem**

Algumas “ferramentas” que ajudam a preparar uma visita aos três vales da Rota do Românico



APLICAÇÃO MÓVEL

Disponível para Android e iOS (em quatro idiomas), reúne vasta informação, georreferenciada e multimédia, sobre a Rota do Românico e a oferta turística (alojamento, restauração, locais de interesse, eventos...).

o local de origem e os interesses do viajante.
www.rotadoromânico.com/pt

PARA SABER MAIS

A Rota do Românico disponibiliza (no site e nos seus centros de informação) diversas publicações que ajudam a satisfazer a curiosidade de todos os que queiram conhecer, em maior profundidade, a história dos monumentos e pontos de interesse da rota. Entre essas publicações, encontra-se uma monografia de todos os monumentos (em dois volumes), bem como obras sobre a pintura mural, o património imaterial, além de várias edições para crianças, incluindo um passaporte para as ajudar a assinalar todos os locais que visitaram. ■

INTERNET

O site da Rota do Românico é extremamente completo e sempre muito bem atualizado. Possui informação detalhada sobre cada um dos monumentos e pontos de interesse, sugestões de programas de viagem e de experiências, bem como o calendário de eventos que, só por si, podem justificar uma viagem. No site é ainda possível planear uma deslocação, tendo em conta



ROTA DO
ROMÂNICO

FAÇA PARTE
DA HISTÓRIA



CI Escultura Românica – Penafiel



AMARANTE BAIÃO CASTELO DE PAIVA CELORICO DE BASTO CINFÃES FELGUEIRAS
LOUSADA MARCO DE CANAVESES PAÇOS DE FERREIRA PAREDES PENAFIEL RESENDE

www.rotadoromanico.com



VER do BAGO

UM BRINDE ENTRE
DEUS E OS HOMENS

CICLO DE EXPOSIÇÕES

Ver do Bago nos Mosteiros
Mosteiro de Santo André de Ancede
BAIÃO - 13 de maio a 12 de setembro 2021

Ver do Bago nos Santos
Igreja de Santo António dos Capuchos
PENAFIEL - setembro a janeiro 2022

Ver do Bago no Sangue
Centro de Interpretação do Românico
LOUSADA - 2022



ROTA DO
ROMÂNICO

NORTE2020

PORTUGAL
2020

UNÃO EUROPEIA
Fundação Europeia
de Desenvolvimento Regional